

O ENSINO DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)¹

Mônica Maria Teixeira Amorim,²

Rafael Baioni do Nascimento³

Resumo

Este relato resulta da experiência vivida no PIBID de Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros. O trabalho realizado consistiu em um projeto de ensino que foi desenvolvido por um grupo de acadêmicas do citado curso com uma turma de crianças do 1º ano do ensino fundamental. A problemática que desencadeou o trabalho tem sua origem em estudo teórico que realizou-se com as acadêmicas sobre o tema diversidade, identidade e educação das relações raciais. Esse estudo, aliado a diagnóstico realizado com as crianças, suscitou a reflexão sobre o papel da escola na formação de subjetividades e sobre a importância do currículo escolar contemplar a diversidade étnico-racial. Assim, desenvolveu-se um projeto de ensino que teve como objetivo geral contribuir para a melhoria da autoestima das crianças a partir do reconhecimento da diversidade, da sua identidade cultural e suas características físicas. O projeto foi realizado ao longo de um mês com um encontro por semana. A metodologia adotada envolveu aulas dialogadas, rodas de conversa e de discussão, sessão de história e análise de imagens. A experiência vivida indica a relevância do PIBID enquanto espaço para potencializar a formação das graduandas e a implementação da Lei 10.639 na escola básica.

Palavras chave: Ensino da História, Diversidade étnico-racial, Escola Básica.

ETHNIC-RACIAL DIVERSITY TEACHING IN BASIC EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT IN THE INSTITUTIONAL SCHOLARSHIP PROGRAM OF BEGINNER TEACHERS (PIBID)

¹ Agradecimentos ao apoio do PIBID/CAPES/MEC.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), coordenadora do PIBID/Pedagogia/Unimontes. Endereço postal: Rua Dr. Henrique Chaves, 444. Bairro Augusta Mota. Montes Claros. M.G. CEP:39403-440 Endereço eletrônico: monicamorimsa@gmail.com

³ Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Endereço postal: Rua Prof. Aluísio Ferreira Pinto, 200, apto 102. Jd. Panorama. Montes Claros. M.G. CEP: 39401-094 Endereço eletrônico: baionirafael@gmail.com

Abstract

This report is the result of the experience lived in the institutional scholarship program for beginner teachers (PIBID) of the State University of Montes Claros' pedagogy graduate course. The work consisted in a teaching program developed by a group of students of the referred course with a class of children of the first grade of elementary school. A theoretical study about diversity, identity and ethnic relations education realized among the students triggered the issue that originated the work. This study, combined to a experiment carried out among the children, raised the reflection about the role of the school in the subjectivity formation and about the importance of the racial-ethnic diversity in the school curriculum. Thus, a teaching project was developed, aiming to contribute to the improvement of children's self-esteem through the recognition of diversity, their cultural identities and their physical characteristics. The project was performed through the period of one month, one meeting per week. The methodology involved dialogical classes, conversation and discussion rounds, storytelling sessions and image analysis. The lived experience points to the relevance of PIBID as a space to enhance students formation and the implementation of the Law 10.639 in the basic education.

Keywords: History teaching, ethnic-racial diversity, basic education.

Introdução

O reconhecimento da importância da abordagem da diversidade étnico-racial nos processos formativos nas licenciaturas e na escola básica foi o mote do presente trabalho. Tal reconhecimento partiu da compreensão que a diversidade constitui uma marca da nossa sociedade e a educação escolar exerce relevante papel na constituição de identidades de raça (GOMES E SILVA, 2006). Contudo, em que pese o fato de a educação étnico-racial ganhar força de Lei (Lei Federal 10639/2003), estudos tem indicado que a abordagem dessa temática ainda se mostra incipiente no currículo da escola básica e das licenciaturas (GOMES, 2012; NUNES, 2008; PENA, 2014; PEREIRA, 2009; PINTO, 2014, AMORIM *et al*, 2014).

Considerando ser o espaço do PIBID um *lócus* privilegiado para a formação de licenciandos e para a intervenção na escola básica, orientou-se o desenvolvimento de um projeto que teve como tema central a diversidade étnico-racial⁴ e que foi desenvolvido no âmbito de um subprojeto do PIBID de

⁴ Optou-se pelo uso do termo raça não por considerar a raça em uma perspectiva biológica, mas pelo seu uso social e político já que esse termo é comumente utilizado pela população e são as características físicas, especialmente a cor da pele, que geralmente motivam o racismo, o preconceito e a discriminação com o povo negro. Não se desconsidera com isso que o racismo esteja Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018.– PPGE – UNESC

Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) que aborda o ensino da história nos anos iniciais da escola fundamental. Este relato contempla a descrição da experiência vivida com o desenvolvimento desse projeto. Para tal, descreve o processo de constituição do projeto, a problemática que desencadeou o trabalho, seus objetivos, a metodologia empregada e os resultados alcançados. Por fim, apresenta as conclusões obtidas por meio dessa experiência.

Desenvolvimento

O trabalho realizado consistiu em um projeto de ensino que foi desenvolvido por um grupo de acadêmicas do curso de Pedagogia da Unimontes com uma turma de crianças do 1º ano do ensino fundamental na escola campo do PIBID – uma escola pública de periferia, situada na cidade de Montes Claros-MG, com presença significativa de crianças negras. A problemática que desencadeou o trabalho teve sua origem em estudo teórico que se realizou com as acadêmicas sobre o tema diversidade, identidade e educação das relações raciais. Esse estudo, que se ancorou nas produções de Gomes e Silva (2006), Alves, Amorim e Ide (2010), bem como na Lei 10639/2003 e suas Diretrizes, suscitou a reflexão sobre o papel da escola na formação de subjetividades e, mais especificamente, sobre a necessidade de a escola abordar a diversidade étnico-racial nos processos formativos das crianças.

Feito esse estudo, propôs-se às acadêmicas um diagnóstico com as crianças do 1º ano inspirado em experimento conduzido pelo casal afro-americano de psicólogos Kenneth Bancroft Clark e Mamie Phipps Clark⁵ nos idos dos anos de 1940 nos Estados Unidos, repetido posteriormente em vários países e mais conhecido como “Teste das bonecas”. Trata-se de teste para estudar as atitudes de crianças em relação à raça e que expõe duas bonecas – uma branca e uma negra – para um grupo de crianças e a elas dirige questões sobre qual a cor das bonecas, qual boneca é boa, qual é má, qual é bonita, qual é feia, qual cor é bonita, qual

igualmente relacionado à etnia – aqui concebida como uma categoria relativa a aspectos culturais (MUNANGA, 2004).

⁵ Disponível em: <https://i2.cdn.turner.com/cnn/2010/images/05/13/doll.study.1947.pdf> Acesso em 03/06/2017.

parece com você, entre outras questões⁶. As questões do teste envolvem três categorias básicas: diferenciação racial, identificação racial e preferência racial.

Feito esse experimento com aproximadamente 20 alunos da turma envolvida, reforçou-se a importância do tema do projeto de ensino a ser desenvolvido. Isso porque o diagnóstico evidenciou que uma parte majoritária da turma não aceitava as suas características físicas e apresentava preconceito de natureza racial – atribuía à boneca negra os atributos “feia e má” e com ela tinha dificuldade de se identificar e de se relacionar.

Na turma em que o teste foi realizado a maior parte dos alunos era negra (parda ou preta) e somente uma criança era branca com cabelos loiros. Entretanto, ao serem indagados sobre qual boneca era mais bonita, a maioria dos alunos considerou a boneca branca a mais bela e destacou a razão: porque ela tinha os olhos azuis. Questionados sobre qual das bonecas parecia ser boazinha e qual era má, a maioria respondeu que a boazinha era a branca, pois a boneca negra era feia e tinha a boca muito grande. Quando se perguntou às crianças que caso eles tivessem mais uma irmã com qual das bonecas eles gostariam que ela se parecesse, um maior número de alunos disse que seria a boneca branca porque ela era mais bonita. Na questão final inquiriu-se os alunos com qual das bonecas eles se pareciam e alguns, com a cabeça baixa, responderam que se pareciam com a boneca negra. Uma aluna, que mais possuía traços da raça negra, disse em baixo tom que se parecia com a boneca branca.

Notou-se com esse teste que os alunos negros não gostavam de sua estética, não apresentavam auto-estima positiva e que era fundamental que aquelas crianças olhassem para si e gostassem do que viam. Como sugere Bencini (2004) “A criança precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa”. Não se trata de inferir a partir do teste que aquelas crianças eram racistas, mas que o preconceito de natureza racial vai sendo engendrado com base no racismo que se encontra consideravelmente presente na sociedade. Explorou-se com as acadêmicas, tal qual explicam Munanga

⁶ Para maiores detalhes ver: <http://noticiasnumclick.xpg.uol.com.br/teste-de-racismo-com-criancas-teste-da-boneca>



Unesce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



e Gomes (2006, p.179), que o racismo constitui “um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho, etc”, e que se trata de comportamento que resulta “da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores”.

Nesse sentido, discutiu-se com as licenciandas que combater o racismo, bem como qualquer tipo de preconceito e discriminação não consiste em tarefa exclusiva da escola, mas é também seu papel. Assim, a escola deve promover a educação das relações raciais, capacitando os alunos negros e não negros para que possam desconstruir preconceitos, construir uma autoimagem positiva e conviver respeitosamente uns com os outros. (BRASIL, CNE/CP, 2004).

Nesse processo, as acadêmicas perceberam que a educação das relações étnico-raciais passa pelo estudo da diversidade que caracteriza nosso povo, e envolve, entre outras questões, o trabalho com o *ethos*, os valores, a cultura, bem como as características físicas que informam a construção da identidade étnico-racial das crianças. Com base nas orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, as graduandas planejaram um trabalho que comportou o diálogo entre diversidade e identidade e que, portanto, envolveu as questões acima, bem como abarcou a abordagem da cultura e identidade afro-brasileira em uma perspectiva positiva, destacando lideranças negras e contribuições dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nossa identidade, da nossa cultura, do nosso país.

Assim, a partir do estudo teórico, do diagnóstico feito e por meio de planejamento que envolveu acadêmicas, supervisoras da escola do PIBID, e professora coordenadora do PIBID, organizou-se e desenvolveu-se, naquela classe do 1º ano, um projeto que teve como objetivo geral contribuir para a melhoria da autoestima das crianças a partir do reconhecimento da diversidade e da sua identidade cultural e suas características físicas. O projeto foi realizado ao longo de um mês com um encontro por semana e tencionou, especificamente, levar as crianças a: identificar aspectos de diferentes culturas, com ênfase na africana e afro-Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018.– PPGE – UNESC

brasileira; reconhecer diferenças raciais e líderes negros de grande destaque; manifestar reconhecimento e aceitação de suas características físicas; valorizar a diversidade que caracteriza nosso povo.

A metodologia adotada pautou-se na interação com os alunos e no diálogo entre disciplinas, explorando saberes dos alunos e conhecimentos advindos da história, da língua portuguesa e das artes. O trabalho iniciou com roda de conversa para levantar os conhecimentos das crianças sobre a cultura africana e a contribuição dos negros para o nosso país. Por meio de aulas dialogadas, discussões e uso de imagens explorou-se, a partir daí, aspectos da cultura brasileira incluindo manifestações da cultura africana na nossa alimentação, nas artes (música e dança) e na língua, e ressaltando a importância dos negros na formação cultural do Brasil. Em seguida abordou-se a história e contribuição de alguns líderes negros de destaque nacional e internacional, sempre assinalando a significativa contribuição dos negros para a construção do nosso país. Posteriormente trabalhou-se uma sessão de história com o livro “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, e discutiu-se, com base na história, a diversidade presente na sala de aula no que concerne às características físicas das crianças da turma. Nesse processo, trabalhou-se com o conhecimento da história das crianças, a percepção e aceitação de suas características físicas, bem como a desconstrução de preconceitos de natureza racial.

Respeitando a linguagem das crianças, ainda pequenas, trabalhou-se com a identidade étnico-racial das mesmas, na medida em que se procurou abordar questões relacionadas à cultura e às características físicas diversas que se encontram presentes no nosso país e naquela sala de aula, ou seja, salientou-se a diversidade étnico-racial que nos caracteriza sempre desconstruindo a ideia que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores. Como aponta Adorno (2003), com base na teoria de desenvolvimento psicanalítica, é na infância que a educação se mostra mais efetiva para o combate ao preconceito. Ainda que o tema possa parecer complexo, à primeira vista, para o nível de desenvolvimento cognitivo das crianças do 1º. ano, o uso de recursos concretos, como a história de ficção e as características das próprias crianças, é suficiente para que a aprendizagem ocorra e

necessária para que a desconstrução do preconceito não fique restrita ao discurso abstrato – bem pouco significativo para a experiência das crianças nessa faixa etária.

A avaliação do projeto ocorreu ao longo de todo o processo mediante a observação direta e o diagnóstico contínuo dos conhecimentos adquiridos pelos alunos nas atividades realizadas. Ao final do trabalho as acadêmicas repetiram o “Teste das bonecas” e notaram uma significativa mudança na postura das crianças quando questionadas sobre qual boneca era bonita, com qual boneca se pareciam, e qual boneca gostariam de ter como irmã – ou seja, segundo a observação das acadêmicas, não mais se registrou aquele comportamento inicial de não identificação com a boneca negra.

Conclusão

O desenvolvimento do projeto pelas acadêmicas foi, segundo as mesmas, bastante significativo enquanto experiência de iniciação à docência pois permitiu que pudessem não apenas estudar, mas trabalhar a diversidade étnico-racial na escola básica e reconhecer a relevância desse trabalho no processo formativo das crianças. O PIBID possibilitou, assim, o aprofundamento da formação das licenciandas no que tange ao estudo e abordagem da diversidade étnico-racial, tema que, como já dito, embora proposto por Lei Federal, ainda tem sido timidamente abordado nas licenciaturas e, igualmente, não ganhou o devido espaço no currículo das escolas de educação básica já que tem sido trabalhado, de modo geral, apenas nas efemérides.

Outrossim, a experiência vivida no PIBID, revela o espaço desse programa para o diálogo com a escola básica, um espaço que permite potencializar a implementação da Lei 10.639 no ensino fundamental além de possibilitar a popularização da ciência, ou seja, que o conhecimento produzido na Universidade seja levado para a escola. Contudo, apesar do alcance desse projeto na formação das crianças, o trabalho com a educação étnico-racial obviamente não se esgota ali, mas merece a realização de novos projetos alinhados com o combate ao racismo, a

desconstrução de preconceitos e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Referências

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ALVES, M. R.; AMORIM, M. M. T.; IDE, M. H. S. Reflexões sobre Ética, Diversidade e Educação no enfrentamento das desigualdades sociais e raciais.

Revista Argumentos, v. 1., 2010. p. 205-226.

AMORIM, M. M. T. *et al.* A implementação da Lei Federal Nº 10.639/2003 em cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Montes Claros.

Revista Desenvolvimento Social, edição especial, 2014. p. 5-12.

BENCINI, R. A educação não tem cor. **Revista Nova Escola**, São Paulo: edição 177, nov. 2004. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/410/educacao-nao-tem-cor> Acesso em 10/08/2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Lei Federal Nº 10639/2003**. Brasília, 2003.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. (Parecer CNE/CP 003/2004 de 10/3/2004). Brasília, 2004.

GOMES, N. L. e SILVA, P. B. G. (orgs). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, N. L. (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. 1.ed. Brasília: MEC; Unesco; IPEA, 2012.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb**, Niterói, Editora da UFF, no. 5, 2004, p. 15-34.
Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018.– PPGE – UNESC

MUNANGA, K. e GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje.** São Paulo. Ação educativa, 2006.

NUNES, A. E. S. S. e OLIVEIRA, E. V. (orgs.) **Implementação das Diretrizes curriculares Nacionais para a educação das relações raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação profissional e tecnológica.** Brasília: MEC, SETEC, 2008.

PENA, M. M. **Implementação da Educação das Relações Raciais (Lei Federal Nº 10.639/2003) na Escola Básica:** Uma análise das percepções de professores das séries iniciais do ensino fundamental. Monografia (Graduação em Pedagogia), Montes Claros: Unimontes, 2014.

PEREIRA, R. A. S. **Implementação da Lei 10639 nas escolas regulares do ensino fundamental.** Monografia (Graduação em Pedagogia), Montes Claros: Unimontes, 2009.

PINTO, W. A. **A implementação da Lei 10.639/2003 em cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Montes Claros.** Monografia (Graduação em Pedagogia), Montes Claros: Unimontes, 2014.

Recebido em setembro 2017

Aprovado em fevereiro 2018



CRIAR EDUCAÇÃO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC



Unesce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação

